

## **CULTURA ESCOLAR CONTEMPORANEA E O USO DOS DISPOSITIVO MOVEIS E INTERNET**

*LOPES, Eduarda Escila Ferreira<sup>1</sup>*

*VALDEMARIN, Vera Tereza<sup>2</sup>*

**Eixo Temático:** Política Pública da Educação e da Criança e do Adolescente

### **RESUMO**

O trabalho aqui apresentado tem por base o desenvolvimento de estudos sob cultura, cultura escolar e cultura digital e apresentará primeiros apontamentos das reflexões teóricas, assim como o processo metodológico que levou a elaboração do instrumento de coleta de dados que nos trará os resultados almejados. A cada dia é maior a presença de dispositivos móveis e da internet como recursos para a vida escolar. Em nível superior, a tecnologia digital se torna cada vez mais presente na sala de aula, como recurso das atividades acadêmicas e como resultado de uma cultura digital da atual sociedade. A proposta do artigo é revisar questões teóricas envolvidas no processo que nos levará a identificar as alterações do cotidiano da cultura escolar tendo elemento o uso de dispositivos móveis e da internet por parte dos universitários. O estudo fundamentará o desenvolvimento da tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro sob orientação da Profa. Dr. Vera Tereza Valdemarin. Os estudos realizados até o momento que abarcam a teoria conceitual de cultura escolar perfazem a compreensão da cultura e da cultura digital.

**Palavras-Chave:** cultura digital, cultura, cultura, dispositivos, internet.

---

<sup>1</sup>Universidade de Araraquara-UNIARA /Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho-UNESP, Doutoranda em Educação, Instituto de Biociências Rio Claro/ Mestre. E-maiL-eduardaescla@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho- UNESP- FCLAR/ Araraquara, docente, Doutora. E-mail: veravaldemarin@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado tem por base o desenvolvimento de estudos sob cultura, cultura escolar e cultura digital e apresentará primeiros apontamentos das reflexões teóricas. No âmbito dos estudos sociológicos, filosóficos e historiográficos, o interesse pelo estudo da cultura apresenta uma ampla linha de interpretações, e é entendida por meio de vários estudos acadêmicos com diferentes relações entre fatos, métodos e formas de reflexão.

Não é uma tarefa fácil estudar e definir “cultura”. A palavra em si está repleta de significados multidisciplinares que servem de estudo para várias áreas, diversas metodologias e usos, isto tudo porque sua essência perpassa por diferentes setores do cotidiano da humanidade. Além do mais, o termo cultura também tem sido usado por outros campos de estudos e mercadológicos como, por exemplo, os campos de cultura organizacional, de cultura política etc. Desta forma, são diversos os conceitos de cultura na atualidade e o termo acompanha vários universos como, por exemplo: cultura da moda, cultura de games, cultura de jogos etc, e sua significação varia, como já explicitado, dependendo do contexto a que está ligada.

Intimamente ligado ao progresso da humanidade, o sistema educacional se apropriou também da palavra cultura como forma de normatizar seus procedimentos. No Brasil, por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) orienta o princípio “da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura”. Assim, o conceito de cultura tem sido objeto de estudo de importantes pesquisas para o entendimento dos processos escolares na modernidade.

A cultura como suporte para as apropriações e a cultura como produção humana são aportes prioritários para o entendimento do cotidiano digital e também dos novos processos instalados dentro de sala de aula.

É fato que, ao longo do tempo, foram usadas diversas interpretações do termo o que culmina em diversas definições de cultura por que talvez dentro de um cotidiano existem várias práticas que nos levam a enxergar a cultura, ora como algo individual, ora como fator coletivo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

Para compreender os usos sociais do termo cultura nos concentramos nos estudos de Raymond Williams (2007), que afirma que cultura é a certeza do saber acumulado do homem por padronização, ou seja, cada saber reúne características e diferenciações aos indivíduos.

Em sua obra *Palavras-Chave* (2007), Williams resgata muito mais que os conceitos da palavra cultura e apresenta ao leitor os aproveitamentos que a sociedade fez destes em diferentes ocasiões da história. Após a leitura da obra desse autor fica claro que fatores históricos e de progresso alteraram o uso da palavra cultura e seu conceito ganhou novos pesos.

(i) substantivo independente e abstrato que descreve o processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético a partir do século 18. (ii) o substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral, desde Herder e Klemm. Mas também é preciso reconhecer o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual, particularmente, artística (WILLIANS, 2007, p. 121).

Visto desta forma, podemos depreender que o estudo da cultura tem variantes. Se analisado pela história, abarca um conceito diferente daquele visto pela sociologia, que também se difere dos estudos antropológicos. Devido a isso, um estudo do desenvolvimento do conceito através do tempo nos esclarece que

em todos os primeiros usos, cultura era um substantivo que se referia a um processo: o cuidado com algo, basicamente com as colheitas ou animais. O subsidiário *coulter*(relha do arada) tomou um rumo linguístico diferente a partir do latim *culture*(relha de arado) passando pelo inglês antigo *culter* até chegar as ortografias inglesa variantes *culter*, *colter*, *coulter* e, até no início do s17, *culture* (Webster, A Duquesa de Malfi, III,ii “relhas de arado alhures em brasa”). Isso proporcionou outra base para etapa seguinte e, importante de significado por metaforização. (WILLIANS, 2007, p. 118)

O século XVI revelou um conceito dentro de um movimento não tão simples, que trata a cultura incluindo processos não apenas naturais, mas também do desenvolvimento humano, ou seja, nesse cenário a palavra passa a carregar consigo muito mais que um cuidado com o natural: um retrato do desenvolvimento das mentes, das ações e das relações.

Ainda segundo Williams (2007), no final do século XVIII, na Inglaterra, o uso da palavra cultura aparece como um termo independente caracterizando-se muito mais próximo do que apresenta a história moderna, ou seja, representa muito mais as redes de relações humanas.

Como ratifica Willians (2007, p. 119): “desse modo, fica claro que cultura desenvolvia em inglês para alguns dos seus sentidos modernos antes dos efeitos decisivos de um novo movimento social e intelectual”.

Já na França, século XVIII, o termo cultura indicava o cultivo de algo, quer dizer, o uso estava sempre relacionado a uma produção humana ligada ao campo, à ciência ou a algum produto humano (cultura das artes, cultura das letras, cultura das ciências). Depois, em meados do século XIX, o significado do termo se alinha ao substantivo “civilização”, relacionando-se ao progresso de um país ou à presença de um homem superior, culto em sociedade.

Na Alemanha, a partir do século XIX, um outro posicionamento sobre cultura pode ser verificado, posicionamento este que se liga à noção de civilização, fazendo com que o termo possa produzir diferentes sentidos: 1) tornar alguém civilizado e 2) expressar o progresso de uma sociedade. Destas significações, firma-se um dos sentidos mais estabilizados de cultura, que considera os detentores de saber formal os homens com cultura, ou cultos.

Geertz (2008), defensor e idealizador da antropologia simbólica ou interpretativa, em seu texto denominado *Uma descrição densa - por uma teoria interpretativa da cultura*, leva-nos a pensar que a cultura tem que ser percebida e não definida por coisas materiais:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provincianas, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível- isto é descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p.10)

Cultura, segundo o autor, é um grande sistema com vários significados divididos publicamente, sejam eles materiais ou imateriais. Dessa forma, o termo está mais ligado à linguagem e à sua operação a todo momento, ou seja, a um sentido semiótico.

A cultura é tratada de modo mais efetivo, prossegue o argumento, puramente como sistema simbólico (a expressão palavra-chave é, “em seus próprios termos”), pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando a caracterizar todo o sistema de uma forma geral- de acordo com os símbolos básicos em torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais ela se baseia. (GEERTZ, ANO, 2008, p. 12)

Se observada por este ângulo, a cultura escolar deve ser estudada não só em elementos fixos como componentes (alunos, docentes e funcionários), materiais e metodologias, mas, sim,

num ato interpretativo de condições temporais, históricas e nos paradigmas que envolvem cada geração. No estudo com universitários na atualidade nacional, uma rede de relações e fluxo de informações e relacionamentos devem ser parâmetros verificados, acrescidos do estudo da cultura escolar em seu aspecto mais estrutural. Acreditamos que se deve interpretar as redes e as teias de envolvimento que os alunos do ensino superior têm do cotidiano, desde a escolha da universidade, a formação anterior, o relacionamento que no cotidiano extra sala de aula tem como trabalho, a tecnologia e o futuro.

Observando outra ótica, Jean Claude Fourquin, em sua obra *Escola e Cultura* (1993), aborda a discussão da escola e da transmissão de cultura considerando quais conteúdos devem fazer parte do currículo escolar. O autor aborda a crise na educação como reflexo do problema da transmissão cultural, da insegurança e da incerteza do que deve ser ensinado. Para Forquin, cultura está na essência da educação: “a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação” (FORQUIN, 1993, p.14)

Ainda, para o autor, existe uma complexidade na relação entre cultura e escola, já que há uma seleção de conteúdos tendo como crivo os interesses sociais, políticos e econômicos, reelaborados didaticamente e perfazendo a cultura escolar.

Embasando-se nas diferentes correntes, Fourquin (1993) argumenta que a escola não pode ignorar aspectos externos, sócios econômicos e políticos, o que nos leva a crer que a presença dos meios digitais em sala de aula sempre deve ser considerada de forma aberta e tolerante, já que proporciona novos cenários comportamentais, que poderíamos dizer que são comportamentos da geração digital.

a escola não pode ignorar os aspectos ‘contextuais’ da cultura( o fato de que o ensino dirige-se a tal público, em tal país, em tal época) mas ela deve sempre se esforçar para pôr ênfase no que há de mais geral, da mais constante, de mais incontestável e, por isso mesmo, de menos cultural, no sentido sociológico do termo, nas manifestações da cultura humana (FOURQUIN, 1993, p. 143).

Desta forma, o autor ressalta o peso do ensino de temas de valores peculiares ultrapassa as demandas momentâneas e, portanto, que faz parte das mudanças consideradas universais, como é o caso do comportamento digital, considerado hoje por todas as áreas do conhecimento uma das últimas grandes transformações da humanidade. Isto posto, o autor nos leva a

considerar a escola como um espaço de preservação de elementos culturais. Dessa forma, as novas tecnologias em sala de aula reforçam um cotidiano representado nos estudos, nas leituras, e na busca por informação, além de em questões técnicas de armazenamento e compartilhamento.

Para Chartier os modos de usar e as práticas é que apresentam o popular. A apropriação das práticas é o meio para que setores diferentes funcionem numa mesma produção de sentido, ou seja, superando o conceito de popular como algo independente. Para o autor, a produção e o consumo devem ser objetos comuns de análise. Além disso, Chartier discursa sobre o conceito de cultura enquanto prática, sugerindo que para seu entendimento sejam usados conceitos de apropriação e representação. A apropriação é algo próximo ao mundo social, observável ou não em diversos grupos sociais e em diversas configurações.

Com base nos aspectos observados na construção deste estudo, é legítimo e permissível interligar alguns conceitos como a relação conceitual entre todos os modos de vida em sociedade, do indivíduo e do grupo, o que define a posse da cultura. Dentre os autores estudados, o ponto de congruências é o de que a cultura pode ser medida pela classificação individual ou pela de sociedade, desde que observadas as trajetórias e as visões de mundo. Levando em consideração esses aspectos, é preciso refletir sobre a sociedade contemporânea e a relação de novos hábitos do cotidiano que refletem nas práticas culturais, alterando o ritmo de tradições e unificando comportamentos recorrentes.

Em virtude do que foi mencionado é preciso posicionar as questões de cultura como fundamento das práticas culturais em sala de aula, e destacar que os dispositivos móveis fazem sim parte do dia-a-dia pessoal e escolar.

A cultura escolar torna-se parâmetro para vários estudos, dentre eles o estudo de que é na escola que se adquire informação que resulta na alteração dos modos de vida. Outra consideração possível de ser fazer é a de que também é na escola que se espera identificar as novas relações e novos modos de vida, já que é um espaço de estudo e relações sociais.

De acordo com Juliá (2001, p.9), a cultura escolar pode ser definida como “o conjunto de normas que definem conhecimento a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas

que permitem a transformação desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”, então é necessário estabelecer estudos que analisem as relações entre alunos e tecnologia, alunos e aluno e aluno e docente, de qualquer natureza, em qualquer período histórico.

Em sentido amplo, é a escola que difunde os modos de pensar e agir em nossa sociedade, por meio da transmissão de conhecimento e dos meios formais de escolarização. É preciso entender a escolarização em seus mais diversos momentos, na sala de aula, no pátio, nas bibliotecas, nos intervalos, nos horários que antecedem a aula, nos horários posteriores à aula e ainda, saltando para a realidade contemporânea, na extensão da sala de aula que são as “nuvens”, os grupos e as redes sociais, por exemplo, operacionalizados pela internet.

Se é na escola que o capital cultural se reproduz, é através dos dispositivos móveis que isto ocorre e, assim, instigam-se novas fases de pesquisa.

É fato que a presença de tecnologia embala o cotidiano de uma geração formada pelos meios de comunicação e alicerçada na vida digital. É lógico também que a presença dos aparelhos interfere em vários itens que compõem o ser enquanto atrelado a cultura e é evidente que esses dispositivos, por conseguinte, são componentes do ambiente acadêmico.

Procuramos, neste primeiro momento da pesquisa, caminhar até aqui com um resgate para entendimento das interpretações da cultura e também para entendimento do uso da tecnologia em sala de aula.

O computador e os outros dispositivos, nesse cenário atual nas escolas, deixam de ser meros instrumentos, apenas máquinas, e passam a ser dispositivos pedagógicos. Nos cadernos, os alunos têm uma organização de conteúdo já conhecida, identificada por folhas e por partes que dividem as “matérias”. Geralmente, ou o caderno serve para uma disciplina ou ele tem várias partes que servem para várias disciplinas. E nos dispositivos, como isso se verifica? Como o aluno se organiza? Questões como estas nos levam a acreditar que é preciso investigar cientificamente o uso destes dispositivos como parte da cultura escolar contemporânea para, assim, verificar os indícios de organização e métodos que o aluno constrói em sua relação com a tecnologia.

Nos novos padrões da sociedade contemporânea, surge na internet o conceito de inteligência coletiva que permite, através das redes sociais, não só aproximar as pessoas, mas também, fazem com que elas possam contribuir e juntar ideias, projetos e conceitos.

é uma inteligência distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva das competências. Acrescentemos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas, senão culto de comunidades feitichizadas ou hipostasiadas. Uma Inteligência distribuída por toda parte; tal é o nosso axioma inicial. Ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo saber está na humanidade. (LEVY, 1999, p.28)

Nos dias atuais mudanças nas rotinas dos indivíduos podem ser percebidas e as redes, que antes passavam despercebidas, tornam-se ponto de convergência da informação e do conhecimento de maneira formal, com uso de várias tecnologias, com destaque para internet. Esta relação passar a ser independente, ou seja, a rede influencia o contexto e o mesmo influencia a rede.

As redes sociais estão e são hoje alvo de desejo do ser humano que, a partir de certa idade, já é questionado pertencer ou não a uma rede. Assim, pessoas entram nas redes cada vez mais jovens. Por outro lado, os mais velhos, antes restritos a contatos telefônicos, impressos ou televisivos, criam hábitos e se aproximam deste panorama também através das redes sociais.

Quando olhamos para a evolução da humanidade percebemos que o desenvolvimento tecnológico possibilitou mudanças em muitas áreas, mas se prestarmos atenção no campo da educação veremos que este evoluiu, constantemente, na medida em que novas tecnologias e possibilidades apareceram para compor o rol de dispositivos de pesquisa, interação e resultados.

Os avanços tecnológicos na área da informação têm mudado consideravelmente o modo de vida das pessoas. Nos últimos anos não só a economia, mas também o mercado de trabalho e as corporações têm sido afetados por essas mudanças e toda a cultura tem sido influenciada pelo mundo digital.

A comunicação é mediada por dispositivos criando novas formas de leituras, interpretações e convivências. O leitor escolhe plataformas de leitura impressas ou digitais

(online ou offline) para acesso ao material assim como, determina o tempo e local de leitura dentro do cotidiano usando pequenos espaços e intervalos para busca, leitura e entendimento de conteúdos. A leitura está na “palma da mão” e pode ser feita a qualquer momento num jogo de olhar sobre a tela e num simples toque (touch).

Por outra vertente, não se pode mais estudar apenas e somente o computador como objeto de projeções em sala de aula, ou de pesquisa fora da mesma. É preciso conhecer o uso que o aluno faz do mesmo em sala de aula e também nas atividades escolares em geral e conhecer os hábitos e costumes em relação a outros dispositivos.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo apresentou um estudo sobre as teorias conceituais de Cultura, Cultura Digital, tendo por base autores como Raymond Willians, Roger Chartier, Jean Claude Forquin e entre outros relacionados nos permitem entender a cultura digital tendo como partida a formação da cultura da sociedade contemporânea.

Propõe uma reflexão sobre o papel dos principais elementos do mundo digital como tecnologias, sociedade em rede, linguagens e comportamentos digitais e sua similitude com novos padrões de cultura escolar por parte de alunos universitários.

Nesta perspectiva, um grande desafio do mundo contemporâneo é saber lidar pedagogicamente com a presença das tecnologias como apoio ou recurso da cultura escolar. Muito se discuti sobre a escola-universidade tendo como um grande desafio a inclusão da tecnologia como elemento da cultura escolar.

Por fim, entendemos esse novo direcionamento de comportamento digital altera o cotidiano na sala de aula no que se refere ao aluno que já não tem apenas o caderno (ou não tem) mas, traz consigo dispositivos de pesquisa, registros e interação.

#### 4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CHARTIER, Anne-Marie. *Um dispositivo sem autor: cadernos e fichamentos na escola primária*. In \_\_\_\_: **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, 2001, n. 01.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 2009.

\_\_\_\_. *História da vida Privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FOURQUIM, Jean-Claude. *Escola e Cultura: As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

JULIÁ, Dominique. *A Cultura Escolar como Objeto Histórico*. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n1, jan/jun 2001.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. São Paulo: Papyrus, 2007.

\_\_\_\_. *Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papyrus, 2007.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEVY, Pierre. *Inteligência coletiva*. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. *Do mito da tecnologia ao paradigma tecnológico nas práticas didático-pedagógicas*. In \_\_\_\_: **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, 2001, n.18.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo, UNESP, 2011.

\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade*. São Paulo, 1986.

\_\_\_\_. *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_. *Palavras- Chaves*. São Paulo, Boitempo, 2007.